Registro Bibliográfico

O Presidente do Instituto do Ceará, em boa hora, constituiu a seção **Registro Bibliográfico** para a Revista. Dela constarão os lançamentos de livros ou publicações dos sócios desta Casa, ou não, desde que sobre assuntos cearenses, e os leitores da Revista terão oportunidade, assim, de acompanhar mais de perto as atividades desta Instituição, na divulgação de trabalhos de sua especialidade.

O Instituto, pelo qual já passaram 116 sócios, desde sua fundação em 4 de março de 1887, então com apenas 12 sócios Fundadores, vem sendo um divulgador de nossa cultura.

Trabalhos de natureza histórica, geográfica e antropológica têm ilustrado as páginas da sua Revista, ora em seu 106° número. A publicação oficial, circulando anualmente e, às vezes em edições extraordinárias, comemorativas de grandes eventos de nossa história, constitui-se verdadeira preciosidade.

As bibliotecas das instituições congêneres, as bibliotecas públicas dos Estados e dos Municípios afora outras de outros países, pleiteiam avidamente os seus números.

Entre as efemérides importantes de 1992, figurou o Descobrimento da América, que foi motivo de várias sessões de estudo por parte desta organização.

O GRANDE ALMIRANTE – Jandira Carvalho, Multigraph Editora, Fortaleza, 1992, 100 págs. O livro é uma biografia romanceada de Cristóvão Colombo que, segundo as judiciosas palavras do escritor Moreira Campos, por ser romanceada, se torna mais palpitante e comovente: injeta-se sangue novo no fato histórico. Jandira focaliza, com extrema felicidade, o vulto de Colombo, cuja naturalidade é disputada por várias cidades da Itália, sendo certo haver nascido em Gênova. O navegador italiano descobriu a América quando se achava a serviço da Espanha. É estranho que seu nome não tenha sido atribuído ao continente e sim a um de seus países – a Colômbia. O livro é ilustrado com vinhetas elaboradas por nosso sócio Rubens de Azevedo, que é marido de Jandira. (JHCO)

NOVOS ENSAIOS DE LITERATURA CEARENSE – Sânzio de Azevedo, Ed. Casa de José de Alencar, 1992, 170 págs. Neste livro o pesquisador e acadêmico estuda figuras da literatura cearense tais como Moreira Campos, Francisco de Paula Barros, Artur Eduardo Benevides, Jáder de Carvalho, Adolfo Caminha, Carlyle Martins, Francisco Carvalho, Edigar de Alencar, Linhares Filho, Lívio Barreto, Luciano Maia, Gus-

tavo Barroso, Nilto Maciel, Ângela Gutiérrez e José Gil Amora. (GSN)

FORTALEZA DESCALÇA – Otacílio de Azevedo – 2ª Edição – Casa José de Alencar. Fortaleza, 1992. 334 páginas. Ilustrado. Graças aos esforços do Prof. Antônio Martins Filho é editada Fortaleza Descalça, livro considerado um dos mais importantes sobre a Fortaleza do passado, escrito por um dos seus diletos moradores, o poeta e pintor Otacílio de Azevedo. O livro compõe-se de uma série de reminiscências escritas em linguagem sentida e poética por quem esteve ligado à vida cultural da cidade no primeiro quartel do século vinte. Otacílio fala da cidade, suas praças e avenidas, cinemas, bibliotecas, teatros; relata fatos históricos de que participou, como a queda do governo Acióli; descreve os tipos populares e pitorescos, a boêmia dos famosos cafés-quiosques como o Avenida, o Java, o Iracema, o Do Comércio e o Elegante, situados nas quatro esquinas da Praça, sem esquecer o Café Riche, onde se reuniam os intelectuais da época. Biografa os principais poetas e pintores com quem privou, entre eles Quintino Cunha, José Albano, Cruz Filho, Beni Carvalho, Mário da Silveira, Júlio Maciel, Pierre Luz e Serra Azul entre outros. Dedica aos pintores vários capítulos, fazendo reviver figuras como as de Antônio Rodrigues, o A. Roiz, Raimundo Ramos, o Ramos Cotoco, José de Paula Barros, Gérson Faria, Vicente Leite e Raimundo Cela. Todo o livro é um poema dedicado à cidade que Otacílio adotou, vindo de Redenção. (CLB)

OTACÍLIO DE AZEVEDO – 50 ANOS DE PINTURA E POESIA – João Jacques. Multigraph Editora, Fortaleza, 1992, 90 páginas, ilustrado. João Jacques, poeta e pintor, membro da Academia Cearense de Letras, fez um trabalho de grande oportunidade sobre a obra artística de Otacílio de Azevedo, o admirável cinzelador de "Carro de Bois" e pintor dos mais festejados de nossa terra. Com emoção, respeito e admiração, ele retrata o pintor em seu "atelier" e seleciona os melhores poemas de Otacílio, sem esquecer o lado musical, pois o poeta era letrista de músicas que se tornaram conhecidas, como a famosa valsa "Alucinação", de Mozart Donizetti. Otacílio é visto de corpo inteiro, num livro de estilo agradável e correto. João Jacques menciona os herdeiros intelectuais de Otacílio o seus filhos – legítimos continuadores de sua obra artística: Rubens, artista plástico, geógrafo e historiador, Miguel Ângelo (o Nirez), musicólogo e pesquisador de Fortaleza (ambos são membros do Instituto do Ceará), Sânzio, professor de literatura, poeta e membro da Academia Cearense de Letras e Maria Consuelo, professora de língua espanhola, com especialização. O livro é ilustrado com trabalhos de Otacílio e mostra, na capa, reprodução de um quadro que fez para o Salão de 1924, e cujo modelo é a sua esposa Tereza. (CLB)

O IDEÁRIO DE MANEZINHO DO BISPO – Eduardo Campos. Neste livro o escritor Eduardo Campos mostra e discute uma das mais curiosas figuras populares de Fortaleza em todos os tempos: O Manezinho do Bispo, porteiro do Arcebispado no começo do século, tipo curioso e bisonho de beato metido a escritor e filósofo, que costumava publicar seus pensamentos na imprensa local e publicar folhetos que vendia. Morreu em 1923, deixando imperecível lembrança entre os que apreciavam o chamado "Ceará Moleque". Eduardo Campos, em linguagem primorosa, nos dá um livro de agradável leitura, levando-nos de volta a um tempo que se foi. Manezinho assinava seus artigos M.C. Rocha e escreveu um folheto intitulado "Biografia de sua Ex-Mãe, acompanhada de um passatempo". Era "ex-mãe", por ter falecido. Os passatempos eram seus pensamentos muito curiosos como, por exemplo: "Quem tem dinheiro e não ajuda a sua pátria é como o bocório que anda pelas calçadas comendo banana com rapadura". Ou: "Gostaria de ser como as borboletas; as borboletas vôam, eu não". Ou ainda: "Se o mar fosse insosso era desengraçado e não tínhamos o bom sal para as comidas".

A segunda parte do livro enfeixa trabalhos de Eduardo Campos apresentados no Instituto do Ceará: Vida e Glória de Gustavo Barroso, Juvenal Galeno – Pluma e Sabre ao mesmo tempo e outros. (R.deA.)

ADMINISTRAÇÃO: UNIVERSALIDADE DO PENSAMENTO E DA AÇÃO. Fortaleza, Gráfica Editorial Cearense, 1992. Geraldo Nobre.

Trata-se de mais um título a aumentar a já extensa bibliografia do Autor, prova cabal de sua extraordinária capacidade de trabalho exercitada no Jornalismo, na Historiografia e na Administração. O que, sem dúvida, é favorecido pela erudição que acumulou durante várias décadas. E, fruto amadurecido dessa erudição, o novo livro do mestre Geraldo Nobre é elaborado a partir de uma visão abrangente, articulando perspectivas filosóficas e culturais com o exercício prático da matéria, assegurando-lhe sólida idoneidade científica.

Com isso se evidencia o cuidado de evitar o resvalar da Ciência da Administração no Pragmatismo inconsistente e perigoso propiciado pela crise dos valores do mundo contemporâneo, na verdade um dos mais corrosivos instrumentos da decadência reinante na economia e na sociedade.

Por outro lado, não se deixe de acentuar o fato de o Autor por igual haver estabelecido ligames estreitos entre a Administração e a Economia, fomentando a racionalidade que deve presidi-las.

Frise-se ainda o levantamento a que procede, na obra em referência, das vicissitudes e posições que assumiu no contexto universitário, ensejando melhor percepção do problema, a ciência da Administração

a par do referencial histórico, aperfeiçoando a consciência crítica do papel que exerce naquele contexto.

Movido pela visão do conjunto que construiu neste seu livro, o Prof. Geraldo Nobre termina por expender comentários judiciosos sobre a política da administração. O que representa uma contribuição valiosa num País como o nosso, que ainda não soube de todo racionalizar a administração, quer pública, quer empresarial, em virtude de práticas tradicionais estimulantes do patrimonialismo, do clientelismo.

Ao final, oportuno realçar que a condição de historiador dos mais sérios do Nordeste, atribuída ao mestre em cena, facilitou deveras a elaboração de uma Obra, como esta, resgatando os autênticos fundamentos e o exercício correto da Ciência da Administração. (J.A.S.M.)

LUZES NO TÚNEL DA MEMÓRIA – J.C. Alencar Araripe. ACI/PMF, 204 páginas. "Um jornalista bisonho desta ensolarada província". É assim que se via J.C. Alencar Araripe em 1965, descrevendo-se com modéstia numa das passagens do recém-lançado *Luzes no Túnel da Memória*. O livro é uma coletanea de artigos publicados pelo Jornalista, ou discursos por ele proferidos em diversas ocasiões. Se a província realmente aparece ensolarada – principalmente em seu aspecto humano – jamais o jornalista se mostra bisonho. O estilo experiente, enxuto, de quem conhece a importância da descrição precisa dos fatos não deixa espaço para digressões de outro tipo.

Apesar de imbuído do espírito jornalístico, Araripe não se abstém de mostrar seus sentimentos no capítulo intitulado "No convívio amorável da família". Ali se detém no traçado da personalidade do pai, da mãe, de pessoas próximas a seu coração. Nos demais capítulos a emoção volta a dar lugar a informação, e o autor desaparece sob a vestimenta impessoal do repórter. É assim que são narrados os acontecimentos após a morte do padre Cícero, é assim que são mostrados os detalhes do sepultamento e o debate em torno do testamento do líder espiritual do Cariri.

Nas viagens ao exterior o jornalista encontrou farto material para seus trabalhos. Com ele se acompanha o respeito diante da figura envelhecida de Churchill, a quem prefere imaginar em passados tempos de glória. Ainda no capítulo político, se percebe o respeito pela autoridade de Foster Dulles, que classifica como "um exemplo de energia tenaz", e pela força de Konrad Adenauer, o líder alemão. De Castel Gandolfo, na Itália, Araripe traz toda a reverência de quem se vê frente ao Papa, num momento de intensa religiosidade.

Personalidades cearenses têm seu perfil traçado pelo autor, que descreve com carinho Luis Sucupira, reservando lugar especial para suas "afeições jornalísticas", como se refere aos colegas de profissão

Hugo Victor, Morais Né e Odalves Lima.

A experiência em educação conta também com um capítulo especial, lembrando as figuras de Eleazar de Carvalho, Livino Pinheiro e Justiniano de Serpa. Percorrc ainda as áreas militar e eclesiástica, discorrendo tanto sobre a Paróquia da Paz quanto a respeito dos valores humanos do Exército. Com este lançamento, Araripe recupera textos produzidos desde os anos 50 até datas mais próximas, não permitindo que se percam as luzes da lembrança e da imaginação, conduzidas com competência através do túnel da memória. (A.B.L.)

O TRONO E O ALTAR: AS VICISSITUDES DO TRADICIONALISMO NO CEARÁ (1817-1978) – João Alfredo de Sousa Montenegro – Apoio cultural do Banco do Nordeste do Brasil S.A. – Fortaleza, 1992.

É um volume denso, de quase trezentas páginas, e mais um título da bibliografia do Autor, que não se identifica por sua condição de Sócio Efetivo da Academia de Ciências Sociais do Ceará, em cuja presidência se encontrava ao surgir a possibilidade da edição pelo B.N.B. da monografia em referência, e do Instituto do Ceará (Histórico, Geográfico e Antropológico), em comprovação do renome já desfrutado no meio cultural do Estado e do Brasil. A constante na produção intelectual de João Alfredo de Sousa Montenegro tem sido a percepção da força das idéias no processo histórico e no comportamento das personagens, com fundamento em modelos ideais, a exemplo do chamado tradicionalismo. Deve-se a esta orientação a notável densidade dos trabalhos já publicados por esse professor titular da Universidade Federal do Ceará (ultimamente aposentado), notadamente do aqui referenciado, no qual se percebe a perícia desenvolvida com o exercício contínuo de uma disciplina rígida, de analista percuciente, à procura de ver e comunicar as confidências, quando não as simulações, de uma urdidura, nem sempre facilmente perceptível, do conteúdo de um documento original, ou de um texto qualquer. O procedimento de João Alfredo consiste em interpretar não o fato em si mesmo, mas em reduzir causas e conseqüências a uma idéia predominante em todas as circunstâncias, e a tanto se pode conceituar Idealismo Histórico (em contraposição ao Materialismo Histórico, embora não exista uma distância intransponível entre os dois). Em **O Trono e o Altar**, o tradicionalismo entrevisto é o do acatamento dos valores eternos com os quais a Igreja Católica intentou forjar, na Idade Média, uma Nova Sociedade, superposta à falibilidade e fragilidade humanas. A visão universalista desse projeto eclesiástico não se inibe em uma análise regionalista, como a de João Alfredo. Suas colocações (como hoje se diz) não são conclusivas, pois as conclusões decorrem das convicções, variáveis de múltiplas influên-

cias, tanto mais numerosas quando se referem à universalidade. A leitura da monografia aqui comentada, sem pretensões de crítica mas somente de registro bibliográfico, requer, por conseguinte, reflexão e discussão, maximé por irromper "... o final de um ciclo da civilização que, como tal, desestrutura valores, concepções de vida, instituições e religiões...", como fez sentir o autor na Dedicatória, e impõe-se uma reconstrução, efetivamente perene. (G.S.N.)

PORTA DE ACADEMIA. Moreira Campos.

Acabo de ler *Luzes no Túnel da Memória* (por sinal, um título feliz), o recente livro de J. C. Alencar Araripe. Uma linguagem corrente, clara, aliciadora por si própria e os temas que aborda. Não é autor que se perca em entusiasmos fáceis. A prudência, os fatos históricos colhidos na sua verdade, como convém, são elementos asseguradores de sua prosa, em que entra muito de sua experiência de jornalista autorizado e brilhante.

O livro se divide em nove grandes capítulos, abrangentes de vasta matéria, qual deles o mais atraente, a começar pelo Padre Cícero Romão Batista, o nosso taumaturgo e figura pela qual tenho particular admiração, não obstante tratar-se de personalidade polêmica, com autores contra e a seu favor, entre estes últimos os que condenam a insurreição do Juazeiro, que jamais se teria dado, se ele não o quisesse. No caso, bastaria uma palavra sua, apesar de Floro Bartolomeu chamar a si toda a responsabilidade do levante, que culminou com a deposição de Franco Rabelo. Araripe sabe manter-se no limite das apreciações. Testemunha, depõe.

Impossível comentar todo o livro no espaço diminuto desta pequena coluna. Mas não nosso deixar de registrar o capítulo excelente que dedica a Castro Alves, o poeta social e dos escravos, à força e explosão do seu verso candente. Como síntese do que escreve o autor, transcrevo aqui palavras suas: "Foi uma vida breve, dentro da limitação do tempo. Foi uma vida longa e gloriosa pela beleza e portento do gênio que floresceu. Tão longa e gloriosa que se prolonga há mais de um século na memória de sua gente."

Não menos admiráveis as páginas que reserva a apreciação da grande mulher que foi Henriqueta Galeno, espírito tutelar da Casa de Juvenal Galeno e criadora da Ala Feminina, expressão decerto mais alta da presença da mulher nas letras cearenses, que hoje tem à sua frente a inteligente e sensível Risette Cabral Fernandes. Henriqueta Galeno, a amante das letras, por herança paterna, a mulher de muitas qualidades e virtudes, feminista consciente, incentivadora daqueles jovens que acreditaram nas forças perenes do espírito. São palavras de Araripe, referindo-se à criação, por Henriqueta Galeno, do Salão de

Juvenal Galeno: "a instituição que fundou, se surgiu sob inspiração de uma imensa afeição filial, não tardou que ganhasse as dimensões de um cenáculo das letras, a que assiste a presença permanente do poeta das jangadas. Tem um colorido sem igual no Brasil."

Muito teria ainda a dizer sobre o notável livro de Alencar Araripe, se o espaço não fosse tão curto.

(Transcrito do jornal "O Povo" de 06-12-92).